

Ciência é contar histórias: a ciência econômica como narrativa*

Science is Storytelling: Economics as Narrative

Rafael Galvão de Almeida e Lucas Casonato**

Resumo: O artigo defende que fazer ciência é contar histórias, e que a economia não foge à regra. Por meio de uma revisão da literatura sobre as narrativas na ciência, o trabalho apresenta as possibilidades científicas das narrativas, a relação entre narrativa e retórica, e os usos das narrativas por economistas em seus trabalhos acadêmicos. O artigo avança na literatura ao discutir dois tipos de uso retórico das narrativas: a voltada ao público geral e a voltada à comunidade científica. Ele também apresenta potencialidades que foram apontadas em trabalhos que fizeram análises de narrativas específicas: explorar os limites do conhecimento econômico, abrir espaço para comparação entre ideias econômicas e superar barreiras metodológicas entre teorias.

Palavras-chave: Ciência; Narrativas. Contar histórias. Metodologia econômica.

Abstract: The article argues that doing science is storytelling, and that economics is no exception to this rule. Through a literature review on narratives in science, the paper presents the scientific possibilities of narratives, the relationship between narrative and rhetoric, and the uses of narratives by economists in their academic work. The article advances in the literature by discussing two types of rhetorical use of narratives: one for the general public and other to the scientific community. By presenting potentialities that were pointed out in works that carry out analysis of specific narrative, we can: explore the limitation of economic knowledge, make room for comparison between economic ideas and overcome methodological barriers between theories.

Keywords: Science. Narratives. Storytelling. Economic methodology.

JEL: B40.A12.

* Submissão: 04/05/2023 | Aprovação: 28/08/2023 | DOI: 10.29182/hehe.v26i2.929

** Respectivamente: (1) Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil | ORCID: 0000-0002-3582-9906 | E-mail: rga1605@gmail.com | (2) Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Brasil | ORCID: 0000-0003-1280-3049 | E-mail: casonato.economia@gmail.com



Esta publicação está licenciada sob os termos de
Creative Commons Atribuição-Não Comercial
4.0 Internacional

Introdução

“Ciência é contar histórias.” Assim escreve John Polanyi, Prêmio Nobel de Química de 1986, ao distinguir *scientia*, o conhecimento em geral, e “ciência”, a capacidade de organizar o conhecimento em formato passível de entrar na mente das pessoas e contribuir para a melhoria pessoal e social da humanidade (Polanyi, 2000). Suas palavras demonstram que o termo “história(s)” não deve ser associado somente a obras de ficção. Histórias são mais que isso: elas podem ser o veículo para levar conhecimento a um número de pessoas maior que o do público de teoremas e equações.

Essas palavras também mostram influência das ideias de seu pai, o químico e economista Michael Polanyi, sobre conhecimento tácito. Para este, cada pessoa tem sua “dotação” de conhecimento individual e tem como desafio traduzir essa bagagem em conhecimento explícito. “Nós interiorizamos pedaços do universo e o povoamos com entidades compreensivas” (Polanyi, 1966, p. 35, tradução nossa). Isso acrescenta às tarefas do cientista a missão de transformar seu conhecimento em algo útil – o que depende da disseminação das suas ideias. A “República da Ciência”, proposta por Michael Polanyi (1962), seria formada por cientistas e seus pares e teria a capacidade de julgar o que é conhecimento útil e se ele foi efetivamente comunicado. Disso, podemos afirmar que os debates científicos, sejam ou não na República da Ciência, também são disputas sobre quem apresenta a melhor história, aquela narrativa que é mais convincente, com os argumentos mais persuasivos.

Narrativas se tornam ubíquas até mesmo em campos nos quais seria “curioso” falar delas. Por exemplo, em um evento promovido pela Academia de Ciências de Nova York, físicos renomados argumentaram que a busca por uma “teoria de tudo”, capaz de unificar a física, também tem por objetivo oferecer à humanidade uma narrativa da criação. O físico Marcelo Gleiser admitiu, em tom de humor, que chamar o *Big Bang* de “mito da criação” não vai dar bolsa de pesquisa a ninguém, mas tal comparação é menos imprópria do que se imagina, pois envolve questões que fascinam a humanidade desde o seu princípio (Paulson *et al*, 2015).

Assim, o papel dos intelectuais públicos é traduzir as pesquisas de vanguarda científica para uma narrativa que tenha como público o “leitor comum”, o leigo que não tem tempo suficiente para se dedicar ao treinamento formal, mas tem interesse em questões científicas (Repapis, 2014). Diferentes campos científicos têm essa demanda, como a física (Carl Sagan, Stephen Hawking, Carlo Rovelli), a biologia (Richard Dawkins), a história (Eric

Hobsbawn, Geoffrey Blainey) e, obviamente, a economia (o fenômeno *Freconomics*).

A ciência popular coloca à vista algo que está no subtexto da pesquisa científica: a ubiquidade das narrativas. As palavras de Gleisler acima não são apenas gracejos em um evento informal; antes, fazem referência às discussões entre físicos que se comunicam em sua linguagem. Formas diferentes de comunicação, então, geram abordagens distintas e narrativas alternativas emergem (Braid, 2006). Unificar diferentes abordagens tem sido um desafio na física, como a síntese entre a teoria gravitacional e a mecânica quântica.

Por outro lado, em uma disciplina como a história o papel das narrativas é muito mais proeminente. Munslow (2012, 2019) argumenta que muito do que o historiador produz em sua pesquisa é narrativo, porque, para ele, o passado não pode ser mais acessado; por isso, existe uma diferença ontológica entre “passado” e “história”. Assim, Munslow (2012, p. 8, tradução nossa) define a história como uma “construção fictiva” que “é um discurso narrativo que é uma construção do historiador”.¹ Não é o mesmo que uma ficção, pois o historiador organiza eventos reais que ocorreram no passado em um discurso narrativo que é capaz de dizer algo sobre o desenvolvimento histórico de um tópico. Munslow chama essa propriedade de “figurativa”, que permite ao passado parecer real a nós hoje (Munslow, 2012, p. 19).

Argumentamos que essas propriedades estão também presentes na economia. Embora Benjamin Ward (1972, p. 179) tenha lamentado que a economia sem matemática já fosse considerada um “remanescente não científico” nos anos 1970, prestes a morrer com os economistas mais velhos, o caráter narrativo dos modelos econômicos formais tem sido cada vez mais destacado nas últimas décadas (Gibbard; Varian, 1978; Morgan, 2001; Cowen, 2007; Gilboa *et al.*, 2014; Ingraio, 2018; Sacco, 2020; Roos; Reccius, 2021; Morgan; Stapleford, 2023). Esse destaque retoma a importância da arte de contar histórias (*storytelling*), que já na década de 1980 recebia a atenção de economistas como McCloskey (1983, [1985] 1998) e Arida (1984). Eles demonstraram que os economistas usam ferramentas retóricas para dar suporte aos seus argumentos e dar a eles a propriedade figurativa.

Física e biologia precisam simplificar seu objeto de estudo tanto na pesquisa quanto na apresentação dos resultados por lidarem com sistemas complexos. No campo da história é necessário selecionar os principais ele-

¹ O que não é o mesmo que “fictício”, uma vez que Munslow (2019, p. 48) define que em uma narrativa “fictiva” o narrador deve lidar conscientemente com questões éticas e morais envolvidas.

mentos e suas relações a fim de obter uma explicação unificada para um evento que poderia ser abordado a partir dos múltiplos fatores envolvidos – o que também a torna uma ciência que lida com sistemas complexos. Mais uma vez, na economia não é diferente. Os economistas precisam tanto construir como aplicar seus modelos a fenômenos sociais complexos. Em seu popular livro-texto de microeconomia, Varian (2021) aponta que a construção do arcabouço teórico precisa simplificar a realidade, lembrando que um mapa com escala 1:1 não tem utilidade nenhuma. Para McCloskey (1983, [1985] 1998, 2017), essa também é a função da narrativa, que busca enfatizar os elementos mais relevantes na sua explicação, justamente aqueles que foram selecionados por quem está contando a história.²

Porém, encerra-se aí essa aproximação entre a visão mais ortodoxa acerca do que constitui a simplificação entregue por um modelo e aquela oferecida por uma narrativa. Porque a primeira exige uma capacidade de “[...] traduzir um relato econômico numa equação ou num exemplo numérico [...]” (Varian, 2021, p. vi), enquanto a segunda admite que “[...] os cientistas lançam mão de elementos de narração pura (*na biologia evolutiva e na história econômica*) ou de matemática pura (*na física e na economia*) para desenvolver seus argumentos científicos” (McCloskey, 2017, p. 53, grifo nosso). Ou seja, na perspectiva retórica os elementos narrativos ampliam o poder e o alcance da ciência.

Recentemente, o termo “economia da narrativa” (*narrative economics*) começou a ser popularizado quando Robert Shiller (2017, 2019), Prêmio Nobel Memorial de Economia de 2013, buscou apontar que as narrativas afetam as decisões humanas por meio de suas influências sobre os modelos mentais e processos de decisão. Porém, essa não é a única forma de estudo das narrativas. Juille e Juille (2017) apontam duas possibilidades: (i) analisar o uso de narrativas para a construção de modelos econômicos; ou (ii) investigar os impactos das narrativas sobre o comportamento dos agentes, tendo assim transversalidade com a economia comportamental. Em outras palavras, enquanto (i) lida com “vieses na construção de argumentos científicos”, (ii) lida com “vieses na decisão individual”.³

² Aqui surge uma diferença importante entre narrativas científicas e não científicas. As histórias científicas precisam selecionar os elementos relevantes, apresentar suas relações e oferecer alguma explicação para a sucessão dos eventos narrados. Na análise retórica, como enfatiza McCloskey (1983; [1985] 1998), essa distinção faz referência à escolha econômica da argumentação pelo narrador – a melhor seleção dos recursos escassos entre os fins alternativos.

³ Ainda é possível apontar para um terceiro campo: a economia da linguagem, que estuda os resultados

Nosso artigo explora o ponto (i), a relação entre narrativas e modelos econômicos, como economistas pensam e argumentam usando histórias que são contadas e/ou incorporadas aos modelos econômicos. Para tanto, o trabalho inicia com uma discussão sobre o que constitui uma narrativa científica, observando quais são os elementos que a caracterizam, e sua relação com as definições de retórica oferecidas por Perelman e Olbrechts-Tyteca e McCloskey, com maior ênfase nesta última. Na sequência são discutidas as narrativas dos economistas, voltadas ou não para a economia, e como elas se assemelham ao entendimento tradicional de “narrativas” presente nos estudos literários. Por fim, o artigo conclui que a narrativa econômica é um tipo de retórica, caracterizada pela organização de elementos ordenados em sequência lógica específica que toma como base uma teoria econômica com fins de explicá-la, e que oferece algumas vantagens em relação a outras formas de apresentação das ideias econômicas.

1. Narrativas, retórica e suas possibilidades científicas

O termo “narrativa” é normalmente associado a histórias fictícias, mas não deve ser limitado a estas. Roland Barthes (1972, p. 19) argumenta que as narrativas estão presentes “[...] no mito, na lenda, na fábula, no conto, na epopeia, na história, na tragédia, no drama, na comédia, na pantomima, na pintura [...], no vitral, no cinema, nas histórias em quadrinhos, no *fait divers*, na conversação [...]”, adquirindo “[...] formas quase infinitas”. Todas essas formas compartilham da busca por organizar a linguagem para que esta seja compreensível aos seus pares.

De acordo com Charles Taylor (2016), a linguagem é um fator constitutivo da humanidade, porque permite a qualquer pessoa a capacidade de atribuir signos a coisas e emitir juízo de valores sobre tais signos. Histórias, então, permitem que esses signos e os juízos de valor sejam organizados em um esquema de causalidade (Taylor, 2016; Morgan, 2017). Por isso, Gottschall (2012, tradução nossa) argumenta que “[...] as histórias são para o ser humano o que a água é para o peixe – algo que o cerca, mas que não é palpável”.

Para Manfred Jahns (2021, p. 2), narratologista da Universidade de Köln, a narrativa pode ser definida rigorosamente como “[...] qualquer coisa que

econômicos de estruturas linguísticas, isto é, se diferenças nas construções linguísticas de diferentes culturas explicam o desenvolvimento econômico de diferentes países (por exemplo, a presença ou não de termos que traduzem comércio). Sobre esse ponto, ver Mavisakalyan e Weber (2017).

conta ou apresenta uma história”. Seu componente básico, a história, é definido por ele como “[...] uma sequência de eventos envolvendo personagens”. Essas histórias são contadas por “narradores”, que articulam os textos narrativos. É importante enfatizar, como destacado por Munslow (2012, 2019), que não existe uma narrativa sem um narrador, pois é ele, o narrador/autor/contador de histórias, que vai dar forma e levar a narração adiante – em outras palavras, narrativas não são “descobertas”, são criadas.

Se as narrativas são essencialmente histórias envolvendo personagens em eventos sequenciados, contadas entre pessoas a fim de atribuir significados e juízos às coisas e comunicá-los aos demais, um número enorme de trabalhos científicos é classificável como “narrativo”. Como a ciência busca entender a realidade, a atividade científica num meio social exige a comunicação com outros cientistas e o público em geral. Isso permite aos materiais científicos serem veículos daquilo que está sendo descoberto ou especulado.

Como visto anteriormente, as histórias podem ser uma ferramenta para organizar conhecimento tácito em explícito (Polanyi, 1966). Se o cientista usa narrativas, ele o faz para destacar os elementos que julga mais importantes, justamente os que imprimem a coerência desejada à história. Para Crasnow (2017), é possível acompanhar em uma narrativa quais são as hipóteses que estão subjacentes na sua conclusão, pois elas retratam histórias menos abstratas, auxiliando na compreensão do que está sendo discutido.

Os elementos enfatizados pelo narrador precisam ser ordenados em sequência lógica. Isso resulta em uma ordenação específica, que fica condicionada aos mecanismos causais escolhidos pelo cientista, dando um sentido às relações entre os elementos da história (Morgan, 2017). Ademais, essa ordenação cria uma estrutura de relações interdependentes entre os elementos oferecidos pela história, dando um sentido ainda mais abrangente à narrativa, o que confere um significado geral ao público. Isso torna o método narrativo útil para lidar com fenômenos complexos, porque, como destacado por Morgan e Wise (2017), nesses casos uma única teoria pode ser incapaz de descrever todas as relações envolvidas. O que, na nossa leitura, é conveniente por permitir uma explicação geral que facilite a sobreposição de outras, aqui entendidas como, respectivamente, a estrutura narrativa geral e as várias relações internas que estão incorporadas.

Quadro 1 – Características das narrativas científicas selecionadas na literatura secundária	
Elemento narrativo	Literatura secundária
Colocada em ordenação lógica	Morgan (2017); Crasnow (2017); Morgan e Wise (2017)
Dotada de mecanismos causais	Morgan (2017); Swaim (2019); Currie e Sterelny (2017); Crasnow (2017)
Adequada para sistemas complexos, permitindo generalização, mas com limitado poder de previsão	Morgan (2017); Currie e Sterelny (2017); Morgan e Wise (2017)
Analisada de forma exploratória	Morgan (2017); Swaim (2019)
Ilustrada por eventos reais ou fictícios que poderiam ter ocorrido – está no campo do plausível, não do impossível	Morgan (2017); Beatty (2017)

Fonte: Casonato (2023, p. 524), tradução nossa.

Essas características foram enfatizadas na literatura sobre narrativas científicas nos últimos anos, como mostra o Quadro 1. Nesse sentido, elas também apontam outros aspectos que caracterizam as narrativas científicas em relação às não científicas. Mas, como essa seção busca apontar, as semelhanças são mais surpreendentes do que as diferenças, uma vez que as narrativas são todas histórias contadas.

O teste fundamental é se um texto for uma história que faz sentido ou não. Se não for nem mesmo uma história, ou seja, uma sequência temporal de eventos, podemos falar de um tópico como uma coleção de palavras. Se um texto é uma história, mas não tem a função de fazer sentido, pode ser uma história divertida ou de interesse humano. (Roos; Reccius, 2021, p. 17, tradução nossa)

Logo, uma narrativa científica é uma história que estabelece a ordem lógica entre os eventos selecionados a partir dos mecanismos causais escolhidos para dar sentido àquilo que está sendo transmitido. Essa nossa definição é simples e atende aos quatro critérios usados por Roos e Reccius (2021) para que um conceito possa contribuir com o progresso científico: (i) não-trivialidade, porque não repete uma mesma definição para a qual já exista outro termo; (ii) não-vazia, por não especificar demais ao ponto de tornar sua aplicação muito restrita; (iii) relevância, por ser capaz de nortear a comunidade acadêmica para aquilo que queremos discutir; e (iv) não-contraditória, porque não esbarra na definição de narrativa utilizada em outras áreas, sobretudo na literatura.

Se nossa conceituação é válida, isso permite estabelecer que todas as narrativas encontram unidade no fato de serem histórias; logo, narrativas científicas podem ser consideradas boas histórias quando atendem ao seu objetivo de persuadir o público acerca daquilo que está sendo proposto. E isso remete ao estudo da retórica, considerada tanto por Chäim Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca (ambos nomes importantes na Nova Retórica, que ajudaram a renovar a retórica como arte e ciência) quanto por Deirdre McCloskey como a arte da argumentação para conquistar uma audiência.

Em seu livro *Tratado da argumentação: a nova retórica*, Perelman e Olbrechts-Tyteca ([1958] 2005, p. 1) definem que “[o] campo da argumentação é o do verossímil, do plausível, do provável, na medida em que este último escapa às certezas do cálculo”. Fazendo referência à retórica aristotélica, o discurso oral voltado ao público de ouvintes, os autores resgatam o termo em sentido mais amplo, expandindo suas possibilidades para abranger a retórica como qualquer argumentação, incluindo a escrita, para uma audiência. Logo, definem a retórica como aquilo que um orador expressa de forma deliberada em função da audiência a que está direcionado.⁴

A audiência é definida como o público que se quer influenciar, ou aquele tido em mente na construção da argumentação. Se um auditório é constituído de vários públicos, isso exige que a estratégia retórica use múltiplos argumentos a fim de conquistar esses diferentes grupos. Assim, a audiência tem importância não apenas por provocar o molde daquilo que está sendo alegado, mas porque ela é, em última instância, a juíza principal na avaliação da qualidade do discurso (Perelman; Olbrechts-Tyteca, [1958] 2005).

A retórica seria capaz de superar a demonstração lógica por apelar àquilo que é compartilhado entre os indivíduos: uma racionalidade e um conhecimento comum, a necessidade do debate acerca de determinadas questões, uma linguagem e uma técnica que permitam a comunicação etc. (Perelman; Olbrechts-Tyteca, [1958] 2005). Ou ainda, como sugere nosso artigo, quando da impossibilidade ou impertinência: (i) da descrição completa e detalhada dos fatos; ou (ii) da formalização matemática. Mesmo que os axiomas sejam sequenciados, é necessário construir o argumento ao auditório almejado. “Pois toda argumentação visa a adesão dos espíritos e, por isso mesmo, pressupõe

⁴ “Com efeito, se quiser agir, o orador é obrigado a adaptar-se a seu auditório [...]. Mudando o auditório, a argumentação muda de aspecto e, se a meta a que ela visa é sempre a de agir eficazmente sobre os espíritos, para julgar-lhe o valor temos de levar em conta a qualidade dos espíritos que ela consegue convencer” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, [1958] 2005, p. 7).

a existência de um contato intelectual” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, [1958] 2005, p. 16).

Enquanto Perelman e Olbrechts-Tyteca propuseram algo mais geral, retornando à noção grega de retórica para contornar o pensamento cartesiano, McCloskey escreveu sobre o campo da economia. Como economista, McCloskey (1983) intitulou seu primeiro ensaio sobre retórica explicitando a aplicação econômica (“The rhetoric of economics”). Assim, é necessário observar que Perelman e Olbrechts-Tyteca se propuseram a, basicamente, reinventar a retórica, enquanto McCloskey escreveu para economistas, ainda que os elementos levantados por ela possam ser aplicados a outras áreas.

No artigo seminal que abriu as portas da economia à análise retórica, McCloskey (1983) confrontava o problema da demarcação científica na economia. Argumentando que esta tem priorizado a posição positivista como cânone metodológico, a autora afirma que esse é apenas o discurso, uma vez que os economistas têm empregado diferentes métodos de persuasão entre seus pares. Assim, a fim de reunir sob a mesma definição os diferentes meios de comunicação usados na economia, recorre ao conceito de retórica, que é apresentado como a arte de explorar um pensamento, por meio do diálogo sobre ele, com o objetivo do convencimento.

McCloskey (1983) descreve certas vantagens de superar, ou ignorar, a demarcação científica na economia, pelas possibilidades de: abordar uma anomalia pela primeira vez, dado que a teoria dominante não consegue explicá-la; ampliar o público para uma ideia, melhorando a escrita ou o ensino; aumentar a aproximação com outros grupos não adeptos do positivismo, sejam eles de economistas ou de outras áreas; discutir conceitos não mensuráveis; divulgar ideias para o público geral etc. Ou seja, a autora está esclarecendo para os economistas o que eles fazem sem perceber, algo que é próprio da análise retórica, já que “[o] propósito do escrutínio literário do argumento econômico seria ver além da visão recebida do conteúdo” (McCloskey, 1983, p. 499, tradução nossa).

No livro de mesmo nome, *The rhetoric of economics*, McCloskey ([1985] 1998) ampliou sua argumentação e análise, sobretudo para mostrar como todos os anúncios científicos buscam a persuasão, seja da comunidade científica ou do público em geral. Ela chega a interpretar a persuasão como ação econômica racional, já que pressupõe a escolha dos meios de linguagem que levam à maximização da persuasão.

Segundo McCloskey ([1985] 1998), os economistas se engajam em narrativas a fim de dar sentido lógico às suas ideias, explorando mecanismos de causa e consequência, também para persuadir seus pares. Então, essas narrativas podem tomar rumos diferentes entre escolas econômicas ou mesmo para duas teorias na mesma escola quando distintos mecanismos causais são enfatizados. É isso que tornaria possível a discordância entre essas abordagens, dado que cada uma delas prioriza uma determinada relação dentro do modelo que simplifica o fenômeno econômico. Assim, ao privilegiar diferentes relações, as narrativas dos economistas ficam abertas a vários desfechos.

Portanto, nossa discussão sobre narrativas e retórica traz alguns esclarecimentos. Enquanto a narrativa exige uma história estruturada (sobretudo ordenação lógica com o uso de mecanismos causais – ver Quadro 1), a retórica envolve toda a forma de linguagem que busca ser coerente para um auditório. Uma forma simples de colocar isso seria dizer que o autor quer ser didático, do seu ponto de vista, quando constrói uma narrativa; ao passo que prioriza ser coerente, para os outros, quando seleciona argumentos retóricos. Tendo isso em mente, a narrativa se torna um componente da retórica, e mantém a última como mais abrangente. Por exemplo, uma equação matemática em um modelo simboliza o comportamento esperado das variáveis ali selecionadas, o que pode ser retoricamente convincente para quem domina sua linguagem, mas a equação não precisa contar uma história. Entretanto, todas as histórias com a pretensão científica buscam esclarecer algo, o que faz de suas narrativas um tipo de retórica.

Portanto, se a ciência for a capacidade de levar o conhecimento às pessoas a fim de que resulte em melhorias pessoais e sociais (Polanyi, 2000), a retórica pode ser encarada como forma de superar a simples demonstração de uma tese (Perelman, Olbrechts-Tyteca, [1958] 2005), ou como a forma de contornar a metodologia dominante (McCloskey, [1985] 1998). Se, além disso, a narrativa científica puder ser classificada como um caso particular de retórica, como sugerimos, então as narrativas aumentam as possibilidades da ciência por, no mínimo, libertarem o pesquisador das amarras de uma metodologia específica, ampliando a possibilidade de comunicar suas ideias.⁵

⁵ Com a revisão sobre usos e potencialidades das narrativas na economia, Roos e Reccius (2021) buscam conceituar, de modo próximo a Shiller, o termo “narrativa econômica coletiva”, que eles propõem como “[...] uma história que faz sentido acerca de um tópico economicamente relevante e é compartilhada pelos membros de um grupo, emergindo e se proliferando na interação social, sugerindo ações” (Roos; Reccius, 2021, p. 13, tradução nossa), que constituiria o necessário para que uma narrativa seja “economicamente relevante” (Roos; Reccius, 2021, p. 2, tradução nossa). A definição de narrativa científica e sua associação às potencialidades retóricas que apresentamos também atendem aos critérios estabelecidos por esses auto-

1.1 Narrativas e as possibilidades retóricas

No penúltimo parágrafo acima utilizamos a palavra “coerente” de maneira deliberada, a fim de substituir dois termos que temos usado alternadamente até aqui como sinônimos, “convencer” e “persuadir”. Uma vez esclarecida a possibilidade científica das narrativas, podemos expandir o ponto (i) proposto na introdução: narrativas como parte da construção de modelos (econômicos, sobretudo). Para tanto, procuramos adaptar a seguinte ideia de Perelman e Olbrechts-Tyteca ([1958] 2005, p. 31): chamamos uma argumentação de “persuasiva” aquela “que pretende valer só para um auditório particular e chamar convincente àquela que deveria obter a adesão de todo ser racional”.

Nossa sugestão é de que essa divisão possa ser aplicada à totalidade do público com que um cientista se depara na divulgação científica: a comunidade da sua profissão consiste no “auditório particular”, ao qual se dirige de maneira persuasiva, e o público geral é composto de “todo ser racional” para quem quer ser convincente, o “leitor comum” (Repapis, 2014). Tal possibilidade é reforçada por Perelman e Olbrechts-Tyteca, quando tratam da

[...] distinção entre educação e propaganda [...] o padre católico que ensina os preceitos de sua religião a crianças católicas [...] cumpre um papel de educador, ao passo que é propagandista e se dirige, com o mesmo intento aos adultos de outro grupo religioso. (Perelman; Olbrechts-Tyteca, [1958] 2005, p. 57)⁶

Desta forma, quando McCloskey (1983, [1985] 1998) direcionou sua análise da retórica para observar como os economistas conversam entre si na

res, já que as consideremos: (i) histórias contadas por economistas; que buscam (ii) fazer sentido para o público selecionado; e são (iii) compartilhadas pelos pesquisadores de uma abordagem econômica; e foram (iv) originadas e disseminadas por adeptos dessa abordagem ou simpatizantes da ideia central da narrativa; com capacidade de (v) sugerir ações, nesse caso a mobilização do conhecimento.

⁶ Em outro trecho, os autores esclarecem que a separação entre educador e propagandista pode ser aplicada a um mesmo grupo formado por pessoas com ideias distintas, de tal maneira que é considerado um educador aquele que se dirige aos que já concordam com ele, e propagandista o que se dirige a quem dele discorda. “Não obstante, na medida em que a educação aumenta a resistência a uma propaganda adversa, é útil considerar educação e propaganda como forças que atuam em sentido contrário” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, [1958] 2005, p. 60). Logo, mesmo que aplicável a pessoas que compartilham do mesmo campo de pesquisa, nossa proposta segue válida na medida em que diferencia um grupo particular dentro de outro mais geral. Nosso argumento é corroborado por Raquel Almeida (2023), em seu estudo sobre o “jogo de linguagem científica” na economia, admitindo a existência de hierarquias e grupos de interesse e representatividade na ciência econômica. Nessa situação, os economistas estabelecem diferentes comunicações quando se direcionam a outros economistas, quando há a formação de pares especialistas que se tratam como equivalentes durante a discussão de um tópico por meio da linguagem formal, ou quando se direcionam a estudantes (que na nossa leitura podem ser todos os interessados em um tema), quando surge um par assimétrico em nível de conhecimento, um diálogo que também é realizado em linguagem formal na reunião do mestre-especialista com aquele que recebe o conhecimento acumulado do primeiro.

mesma comunidade científica, ela tratou do que propomos chamar de persuasão. Perelman e Olbrechts-Tyteca ([1958] 2005), por outro lado, definiram a argumentação de maneira geral, especificada apenas pela atenção à audiência, permitindo aquilo que chamamos de convencimento.⁷

Se essa taxonomia é válida, o convencimento é a retórica direcionada ao público geral, e a persuasão é a retórica dirigida a uma comunidade específica, ambas no propósito de veicular ideias. Logo, ao escreverem ao grande público como divulgadores da ciência, Carl Sagan (2017; 2019), Stephen Hawking (2015; 2016) e Carlo Rovelli (2017; 2021), entre outros, buscaram convencer a comunidade geral acerca do comportamento das leis da física e suas implicações para a origem do universo, ainda que apreciem teorias alternativas em seus livros. Igualmente, Dawkins (2007) se propôs a atualizar e levar adiante a mensagem de Darwin [1859], e o fez transformando o gene – substituto da espécie na nova ortodoxia darwinista – em personagem principal na história da evolução.

Já a persuasão fica como a retórica que é voltada aos profissionais da área que o narrador quer convencer, o que exige dele o emprego da linguagem adequada.⁸ McCloskey ([1985] 1998) lista toda uma série de estratégias neste sentido, como o uso de equações, diagramas, metáforas, parábolas, histórias, argumentos de autoridade etc. Porém, a autora recorda que o sucesso retórico dependerá de o auditório conhecer e dar relevância àquela forma de linguagem. “[...] A retórica enfatiza a audiência. O escrever apenas escolhe uma audiência de uma população existente; em sua mente, no tom da sua escrita, os leitores não se tornam meramente sua escolha, mas sua criação” (McCloskey, [1985] 1998, p. 84, tradução nossa).

Logo, toda história usada na explicação de uma teoria é uma narrativa científica, porque impõe uma estrutura que organiza os elementos envolvidos na teoria, estabelece seus mecanismos de causalidade e ordena logicamente a sucessão de fenômenos. Essas características distinguem as histórias científicas das demais. Portanto, toda narrativa científica também é uma estratégia retórica, para convencimento ou persuasão, porque é uma história usada inten-

⁷ Nos termos utilizados por Raquel Almeida (2023), essa diferença se dá entre a linguagem formal, que é utilizada no diálogo entre especialistas, e linguagem natural, aquela comumente aceita que expressa de forma geral o significado da sentença – a linguagem comum.

⁸ “A utilização de uma linguagem formal em vez de uma linguagem natural desempenha, assim, um duplo papel no processo de argumentação científica na Economia: proporciona a concisão argumentativa e a persuasão da comunidade acadêmica. Para convencer a comunidade dos economistas, é preciso adotar o jogo de linguagem dominante, que é, cada vez mais, o formalismo matemático” (Almeida, R. M., 2023, p. 13, tradução nossa).

cionalmente para explicar a teoria a uma audiência. Esse conjunto de relações é ilustrado na Figura 1 a seguir.

Figura 1 – Relação entre histórias, retóricas e as narrativas científicas



Nota: O tamanho dos círculos e de suas intersecções não tem qualquer significado, portanto, não buscam exprimir relações de quantidade entre os tipos textuais representados.

Fonte: Elaboração própria a partir das informações da pesquisa.

2. Os economistas e as narrativas que eles usam

A partir desse ponto, não é difícil argumentar que modelos econômicos também são narrativas científicas. Narrativas podem ser a base da literatura, mas, argumentamos, não somente da literatura.⁹ Narrativas são valiosas à ciência não só pelo seu valor pedagógico, mas também por reunir eventos e relações entre eles, possibilitando a descoberta do que é semelhante em outros cenários, abrindo as portas para se generalizar a partir de situações particulares (Morgan; Wise, 2017).

No prefácio de seu manual de introdução à economia, Paul Krugman, Prêmio Nobel Memorial de Economia de 2008, e sua coautora, Robin Wells, fazem a primeira referência não a um economista, mas a um escritor: George Orwell.¹⁰ É notável que eles tenham escolhido prestar reverência e emular um escritor ao invés de um economista na busca em tornar o material mais acessível. Isso é relevante porque, para eles, a coisa mais importante que um estu-

⁹ Afinal, uma das seções básicas de artigos empíricos é quase sempre intitulada “revisão da literatura”, implicando que ali estão reunidas contribuições importantes da área, pelo menos o suficiente para estarem ali.

¹⁰ “O que é preciso acima de tudo é deixar que o significado escolha as palavras, e não o caminho contrário” (Krugman; Wells, 2007, p. ix).

dante de economia pode aprender é o uso adequado dos modelos econômicos num primeiro contato.

Assim, narrativas se destacam pelo importante caráter pedagógico, mas não estão limitadas a ele. Os cientistas usam narrativas para se comunicar, e os economistas não são exceção. Para McCloskey ([1985] 1998), o objetivo do cientista em uma afirmação é a persuasão porque a ciência é uma construção humana, e como tal exige ser comunicada. A ciência é um contínuo processo de aprendizado, por isso capacidade de comunicação é um fator fundamental para o progresso científico. É conhecida a explicação oferecida pela autora ([1985] 1998) do porquê John Muth ter se tornado um autor obscuro, apesar de ter sido o primeiro a elaborar a hipótese de expectativas racionais, ao passo que Robert Lucas, Prêmio Nobel Memorial de Economia em 1995, herdou a glória de ter apresentado a hipótese porque o fez em linguagem mais interessante aos economistas.

John Maynard Keynes, durante a controvérsia Keynes-Tinbergen sobre o uso de métodos econométricos na pesquisa econômica, estava hesitante sobre o uso generalizado da econometria com bases de dados ainda pouco desenvolvidas e que simplificavam demais as relações econômicas. A partir disso, ele propôs o seguinte desafio:

É sabido que os setenta tradutores da Septuaginta [tradução da Bíblia Hebraica para o grego] foram trancados em setenta salas separadas com o texto em hebraico e trouxeram, com eles, depois que terminaram, setenta traduções idênticas. O mesmo milagre seria repetido se setenta correlações múltiplas fossem feitas com o mesmo material estatístico? (*apud* Almeida, 2015, p. 81).

Diferentes pesquisadores reagiriam de maneira distinta quanto a essa provocação. Podemos modificar esse desafio: em um experimento, trancam-se 70 físicos com as notas e rascunhos de Albert Einstein sobre a teoria da relatividade; a tendência é que esses físicos saiam com a mesma conclusão de Einstein, um triunfo do método científico. Em outro experimento, trancam-se 70 escritores com as notas e rascunhos usadas por Machado de Assis na escrita de *Dom Casmurro*; se todos os escritores retornarem com o mesmo texto que Machado de Assis submeteu para publicação, isso seria um “milagre maligno” – porque nenhum deles teria adicionado nada ao que Machado de Assis já narrou em seu livro.

Obviamente, a escala não é tão rígida. Embora não haja um padrão único para se avaliar novelas e autores, críticos literários e o público conseguem

eleger os livros entre os razoavelmente bons e os ruins. Mas esse é um processo que, diferente do ambiente científico, dá mais ênfase a fatores subjetivos. Harold Bloom (2013), considerado o maior crítico literário americano do século XX, reconheceu que a experiência pessoal influencia na crítica literária; portanto, mais importante do que ser objetivo é ser justo com os autores analisados.

Devido a essa subjetividade, narrativas podem ser vistas com suspeitas na ciência. Preocupando-se com essa crítica, Munslow (2019, p. 48, tradução nossa) faz questão de afirmar que “fictivo” não é sinônimo de “fictício”. Para uma narrativa ser historicamente válida, ela deve se preocupar em lidar com eventos passados, mas exige que o historiador seja consciente “do relativismo ético e o dos compromissos morais” em questão. Carlo Ginzburg (2002, p. 114) adverte contra a tendência excessiva de examinar “[...] só o produto literário final sem levar em conta as pesquisas (arquivísticas, filológicas, estatísticas, etc.) que o tornaram possível.” Neste ponto, narrativa e história do pensamento econômico se complementam, pois a história do pensamento permite entender o contexto da narrativa.

Essa preocupação quanto à objetividade das narrativas científicas também já foi discutida na literatura sobre retórica na economia. Pérsio Arida foi um pioneiro no Brasil em 1984 por escrever em português sobre o papel da retórica no pensamento econômico, quase que ao mesmo tempo em que McCloskey (1983) o fazia em inglês. Segundo Arida (1984), economistas sempre buscaram persuadir, e a transição da ciência econômica do modelo “*soft science*” para o de “*hard science*” teria lhe permitido se tornar um campo mais científico. Nessa lógica, toda a teoria pré-matemática é considerada incorporada pela ortodoxia corrente, em um processo de superação positiva. Nessa perspectiva, é lugar comum pensar que a substituição de determinadas práticas e teorias simplesmente “acontece”, como se a ciência fosse uma “escada rolante” avançando incondicionalmente em direção à “verdade”, exigindo paulatinamente uma maior formalização matemática.¹¹

¹¹ Raquel Almeida (2023) oferece outro motivo pelo qual é possível discutir a dicotomia entre narrativas e modelos econômicos. Na revisão de como se deu a disseminação do formalismo matemático na economia, a autora argumenta que esse resultado foi historicamente condicionado pelas escolhas dos economistas, e não a consequência natural e invariável da melhora do seu procedimento científico. Logo, a representação das ideias econômicas por modelos formalizados matematicamente seria uma estratégia retórica dos economistas para inflar o prestígio da própria área e aumentar a capacidade de persuadir o público. “A abordagem mainstream, então, não é ortodoxa em virtude de qualquer superioridade teórica, pois sua supremacia decorre da hierarquia social que existe dentro e fora da academia e cuja adesão majoritária silencia qualquer contribuição que não siga as regras do jogo de linguagem”. (Almeida, 2023, p. 16, tradução nossa).

A análise da retórica proposta por Arida (1984) e McCloskey (1983, [1985] 1998), entretanto, mostra que o formalismo é apenas mais uma forma de estratégia retórica para convencimento, e não a única. Entre as estratégias retóricas, como destacado na segunda seção deste artigo, está a arte de contar histórias, o uso de narrativas. McCloskey (1998, p. xiv, tradução nossa) afirma que “economistas são contadores de história sem o perceber”, mas a partir de contribuições da própria autora é possível esclarecer isso a eles. McCloskey ([1985] 1998) define uma história (*story*) na economia como a narração de causas e consequências em sentido lógico, que permita ao leitor a compreensão do porquê, do tipo “se A, então B”. Logo, isso permite que qualquer explicação econômica na forma literária de linguagem seja considerada uma história e, portanto, uma narrativa econômica – e científica, como visto na segunda seção.

2.1 Economistas como narradores “tradicionais”

Um dos fatores que justifica prestar mais atenção nas narrativas é a capacidade delas de dialogar com o “leitor comum” – o leigo interessado em assuntos científicos, incluindo econômicos (Repapis, 2014). Autores como H. G. Wells, Arthur C. Clark, Isaac Asimov, entre outros, promoveram ideias científicas por meio de obras fictícias. A série *Jornadas nas estrelas*, por exemplo, foi uma fonte de inspiração para vários cientistas (NASA, 2017).

Apesar disso, a literatura é uma disciplina subestimada por pesquisadores mais voltados ao empirismo, mas ela é um veículo para se discutir o mundo. Rancièrè (2021, p. 7) lembra que Aristóteles, em sua *Poética*, entendia que o que diferenciava a realidade da ficção não era o déficit de realidade, mas o acréscimo de racionalidade. As histórias são úteis porque permitem a ilustração de mecanismos de causa e efeito que intencionam evidenciar como o mundo funciona por meio de personagens situados em um drama. Uma tragédia, por exemplo, tem o objetivo demonstrar para a audiência como a queda do protagonista ocorreu por meio de suas decisões e sua ignorância dos sinais.

Ainda de acordo com Rancièrè, a era moderna borrou a linha criada na *Poética* aristotélica, que distribuía saberes e ignorâncias. “A ciência social endossou os princípios aristotélicos da racionalidade ficcional ao mesmo tempo que aboliu as fronteiras que delimitavam seu campo de validação” (Rancièrè, 2021, p. 10). Hoje, aplica-se ao mundo real a mesma lógica de encadeamento da ficção, por meio de modelos. “O mundo obscuro [da *Poética*] se torna o

mundo verdadeiro enquanto mundo cuja verdade é ignorada num outro sentido – desconhecida – pelos que vivem nele” (Rancière, 2021, p. 10). Como coloca Dennis Robertson (1952, tradução livre), ele mesmo um dos arquitetos da síntese neoclássica, em seu poema “The non-econometrician’s lament”: “Meus pensamentos são tristemente inelásticos/Meu atos invariavelmente estocásticos”.

A literatura, porém, afasta-se da *Poética*. “Ela destruiu os seus próprios princípios para abolir os limites que circunscreviam um real próprio à ficção” (Rancière, 2021, p. 11). Depois do século XIX, autores passaram a perceber a “potência da história”, como se vê em Balzac e Victor Hugo. A partir desse século, vários gêneros começaram a se desenvolver, assim como a crítica literária. A relação entre ficção e realidade evoluiu por meio da novela (e, posteriormente, de suas artes sucessoras, como o cinema), quando se passa a valorizar um “realismo” em relação ao mundo. Por causa disso, Allende Portillo (2010) argumenta que a literatura deve ser observada por economistas e historiadores econômicos, já que o que importa não é o rigor, mas o fato de que “[...] a literatura nos permite sentir o ‘pulso’ da história” (Allende Portillo, p. 1, tradução nossa). Nesse ponto, a novela age para cumprir a função da narrativa científica, de simplificar uma realidade complexa (Morgan; Wise, 2017).

O apêndice de Allende Portillo (2010) reúne várias novelas importantes que permitem nova perspectiva à história econômica. *As vinhas da ira* (1939, de John Steinbeck, oferece uma visão sobre a economia agrícola americana durante a Grande Depressão. *Germinal* (1885), de Émile Zola, é um romance histórico que tem como pano de fundo a industrialização francesa. Fora dos círculos literários mais tradicionais, tais preocupações também estão presentes. Por exemplo, Sir Terry Pratchett, um dos maiores escritores de fantasia que já viveu, escreveu a novela *Making money* (2007) que disserta sobre o estabelecimento de um Banco Central num reino de fantasia e sobre os problemas do padrão ouro. A série de animação japonesa *[C] – The money of soul and possibility* (2011) aborda questões sobre política econômica, austeridade e longo prazo, em arenas onde disputas financeiras são resolvidas com batalhas entre espíritos animais literais.

Tais iniciativas mostram que é possível aos economistas se aproveitarem dessa mudança para adicionar as narrativas ao seu repertório. Recentemente, economistas têm ficado cientes do papel pedagógico da ficção na sala de aula (Wattsee, 2002), e o campo da economia e literatura têm se tornado popular (Davies, 2018; Seybold; Chihara, 2018; Akdere; Baron, 2019). Questões de

ética econômica também podem ser confrontadas com a literatura (Lee; Bohanon, 2019).

Para Henderson (1995), existe uma tradição de economia literária que também surgiu no século XIX, que conta Ricardo, Malthus, Keynes, entre outros, como economistas literários. Essa tradição tem consciência da natureza fictiva do discurso econômico, “[...] de fundir razão e imaginação; da significância da metáfora e do papel da narrativa no desenvolvimento do argumento econômico” (Henderson, p. 14, tradução nossa). Mesmo que não inclua escritos fictícios, ela reconhece a importância de ferramentas que também são comuns na ficção. Isso contrasta com o fato de que são poucas as narrativas fictícias escritas pelos economistas, apesar de elas terem aparecido já na era da economia política clássica, como *A fábula das abelhas*, de Bernard de Mandeville. Até mesmo Karl Marx se aventurou a escrever novelas antes de seguir o caminho da crítica à economia política (Marx, 2018).¹²

No Quadro 2, segue uma lista em ordem alfabética de alguns economistas que se tornaram escritores de ficção, incluindo novelas, poesias e até mesmo *raps*. Essa lista tentou ser exaustiva, e reconhecemos que se concentra em obras escritas em inglês e português, mas ela demonstra que os economistas não têm se aventurado a escrever obras de ficção.

¹² Marx definitivamente faz parte da tradição de economia literária. Hinkelammert (2012, p. 273) argumenta que Marx via o mundo real como um drama, guiado pela tragédia da lei da exploração capitalista, e “não a sombra de teorias”.

Quadro 2 – Economistas como escritores de ficção

Autor	Especialização	Obras
Bronfenbrenner, Martin	Economia internacional, história do pensamento econômico	<i>Tomioaka stories from the Japanese occupation</i> (1975), relatos dramatizados com base nas suas experiências como consultor no Japão pós-Segunda Guerra.
Cardoso, Eliana	Economista do Banco Mundial e figura pública no Brasil	<i>Bonecas russas</i> (2014), <i>nuvem Negra</i> (2016), ficção literária sobre as vidas de várias mulheres.
Defoe, Daniel	Economia política, <i>projector</i> (nome antigo para empregado) e precursor do jornalismo econômico	Vários, especialmente <i>Robinson Crusoe</i> (1719), famoso em livros-textos de economia, considerado por Lukács (2000) o primeiro romance moderno.
Dobb, Maurice	Economia marxista	<i>The shadow of the Vatican: a story of diplomacy and politics</i> (1919), <i>thriller</i> político, não publicado (Shenk, 2013).
Du Bois, W. E. B.	Economista pioneiro do movimento negro americano	<i>The quest for the silver fleece</i> (1911), ficção literária sobre a situação do negro americano.
Foster, William Trufant e Waddil Catchings	Precusores de ideias keynesianas nos Estados Unidos	<i>The road to plenty</i> (1928), novela em forma de conversação instrucional, que critica a teoria clássica e propaga ideias que poderiam ser chamadas de “pré-keynesianas”.
Freedman, Craig	História do pensamento econômico	<i>The last time I saw Richard</i> (2011), ficção literária, estudo de personagem.
Galbraith, John Kenneth	Economista público e diplomata, economia institucional original	<i>A tenured professor</i> (1990), sátira da cultura econômica acadêmica.
Harvey, William	Advogado e economista informal	<i>Coin's financial school</i> (1894), panfleto cujo protagonista se engaja em aulas sobre o bimetalismo, na forma de diálogo com uma classe e narrativa das reações a ela.
Jay, Peter e Michael Stewart	Jay foi embaixador inglês nos Estados Unidos (1977-1979) e monetarista; Stewart foi economista keynesiano e historiador do pensamento econômico	<i>Apocalypse 2000</i> (1987), ficção científica que argumenta que políticas econômicas ruins e restritivas causariam um “apocalipse econômico” no ano 2000.

(continua)

Quadro 2 – Economistas como escritores de ficção

Autor	Especialização	Obras
Jevons, Marshal	Pseudônimo de William Breit (antitruste e história do pensamento econômico) e Kenneth Elzinga (antitruste)	Aventuras de Henry Spearman, economista com doutorado em Harvard (<i>Murder at the margin</i> (1978), <i>The fatal equilibrium</i> (1985), <i>A deadly indifference</i> (1995), <i>The mystery of the invisible hand</i> (2014), em que ele resolve mistérios com ajuda da teoria econômica.
Leacock, Stephen	Um dos primeiros professores de economia no Canadá, autor de livros-textos, orientando de Veblen	Vários (1910–1946), ficou conhecido por ser humorista e ganhou a medalha Lorne Pierce (1937), principal prêmio literário canadense.
Mandeville, Bernard de	Médico e economista político	<i>A fábula das abelhas</i> (1714).
Marx, Karl	Fundador do socialismo científico e materialismo histórico	<i>Escorpião e Félix</i> e <i>Oulanem</i> (1837), obras satíricas incompletas.
Meade, James	Prêmio Nobel Memorial de 1977 por seu trabalho em economia internacional	<i>Economic forecasting</i> (1937–1938), poema sobre o ciclo econômico e os economistas (Besomi, 1999).
Nesi, Edoardo	Empresário industrial italiano	<i>Storia della mia gente</i> (2011), novela autobiográfica com foco na desindustrialização de certas regiões na Itália, ganhou o <i>Premio Strega</i> , maior honra literária da Itália (Adamo, 2016).
Nutter, G. Warren	Escolha pública da tradição de Virgínia	<i>The strange world of Ivan Ivanov</i> (1969), em que narra dramaticamente a vida de um trabalhador russo no regime repressivo da União Soviética.
Perrault, Charles	Economista político e assistente de Jean-Baptiste Colbert, na corte de Luís XIV	Suas coleções de contos de fada (1696, 1701) se tornaram parte do cânone ocidental e tinham mensagens mercantilistas (Balak; du Lys, 2019).
Reardon, Jack	Pluralismo econômico e ensino de economia	<i>Swimming backwards</i> (2021), romance, tendo como pano de fundo questões trabalhistas.

(continua)

Quadro 2 – Economistas como escritores de ficção

Autor	Especialização	Obras
Roberts, Russ	Liberalismo clássico	Novelas <i>The invisible heart</i> (2001) e <i>The price of everything</i> (2008), que procuram demonstrar a superioridade do liberalismo de mercado livre e escreveu o rap <i>Fear the boom and the bust</i> (2010), que viralizou na internet.
Robertson, Dennis	Escola de Cambridge	<i>The non-econometrist lament</i> (1952), poema crítico de como a economia se torna incompreensível ao leigo.
Rubinstein, Ariel	Teoria dos jogos	<i>Economic fables</i> (2012), mistura de novela autobiográfica e livro-texto de teoria dos jogos.
Scheall, Scott	Metodologia econômica	<i>Dialogues concerning natural politics</i> (2023), diálogo literário sobre as capacidades epistêmicas da análise de políticas econômicas.
Silveira, Antonio Maria da	Economia do setor público	<i>Os economistas também amam</i> (2004), contos sobre relações entre economistas e a economia.
Teixeira, Erly	Economia rural	<i>Leny e o informante</i> (2022), romance sobre a Guerrilha do Araguaia, durante a ditadura brasileira.
Varoufakis, Yanis	Economia da complexidade, ministro das finanças da Grécia (2015)	<i>Another now</i> (2020), ficção científica que imagina a vitória de movimentos de esquerda na geopolítica mundial.
Velloso, João Paulo Reis	Ministro do planejamento, Brasil (1969-1979)	<i>Os cristãos que se beijam</i> (2011), romance histórico sobre a expansão do cristianismo.

Fonte: Elaboração própria a partir das informações da pesquisa. Agradecemos à lista de discussão da *History of Economics Society* pela ajuda.

2.2 As histórias que os economistas contam

Como visto na introdução, cada vez mais tem sido enfatizado o caráter narrativo dos modelos econômicos formais. Pesquisadores buscam apontar e esclarecer o papel de elementos narrativos em textos científicos (Quadro 1). Apesar de terem se envolvido pouco na escrita de livros de ficção (Quadro 2), nem por isso os economistas têm deixado de usar elementos narrativos em seus trabalhos. Nessa linha de pesquisa, Mary Morgan tem se tornado uma expoente entre os economistas na elucidação das dimensões narrativas da economia (Morgan, 2001; 2017; Morgan; Wise, 2017; Morgan; Stapleford, 2023).

Morgan e Stapleford editaram um volume da *History of Political Economy* (HOPE) para promover essa visão e promover uma conversação entre economistas. Portanto, é útil revisar as contribuições desse volume, não só porque a análise de tais trabalhos corrobora nosso argumento de que os economistas contam histórias, mas também pela possibilidade de mostrar como as narrativas podem ter diferentes usos e potencialidades nas mãos dos acadêmicos, sobretudo na economia.

Morgan e Stapleford (2023) definem a narrativa científica como um gênero específico que oferece significados para as relações entre elementos que são ordenados e conectados por meio da própria narrativa. Desse modo, ela permite explicações aos “por quês” levantados na economia, oferecendo respostas a essas perguntas, apoiando-se em diferentes formas de argumentar: modelos, teorias, fatos históricos, situações imaginadas etc. O que há em comum entre elas é a necessidade de relacionar logicamente os elementos e os respectivos fenômenos em que estão inseridos. Portanto, as narrativas cumprem a função científica de ser a “tecnologia de dar sentido” (Morgan; Stapleford, 2023, p. 403, tradução nossa), e na economia assumem a missão especial de fazer a mediação entre: “níveis gerais e particulares, teoria e evidência, presente e futuro, explicação e predição, e assim por diante” (Morgan; Stapleford, 2023, p. 405, tradução nossa).

No primeiro artigo do volume, Harro Maas (2023) estuda a obra de Marshall, contextualizando-o em sua busca por: (i) uma forma de análise para o estudo da história econômica que juntasse fatos históricos à sua teoria do *Principle of economics*, mas superasse a condição de *ceteris paribus* ali utilizada, o que resultaria em um meio termo entre evidências empíricas da história e categorias genéricas da teoria; e (ii) um tipo de análise diferente da estatístico-matemática usada por Jevons para os dados econômicos. De tal iniciativa

veio a explicação marshalliana da história econômica, sobretudo no livro *Industry and trade*.

De acordo com Maas (2023), o método narrativo permitiu a Marshall lidar com a sequência de eventos e seus resultados econômicos de maneira exploratória, observando a complexidade envolvida na sucessão de fenômenos de todos os tipos, como políticos, sociais e econômicos. Assim, a narrativa marshalliana conectava os eventos históricos e oferecia a noção de causalidade, apontando que eles estavam logicamente relacionados. Por meio das narrativas, Marshall conseguiu mostrar e explicar o porquê de algumas situações econômicas terem resultados diferentes do esperado da análise exclusivamente teórica baseada no modelo de oferta e demanda.

No trabalho de Jeff E. Biddle (2023), os primeiros trabalhos de Zvi Griliches foram considerados narrativas para explicar o aumento da produtividade agrícola nos Estados Unidos a partir do milho híbrido e da adoção de fertilizantes. O contexto teórico do autor é marcado pela ausência de um modelo matemático que explicasse a mudança entre estados de equilíbrio nos mercados, o que permitiu ao autor o uso de histórias para esclarecer esses períodos transitórios, que o próprio Griliches chamou de narrativas. Para Biddle (2023), elas foram ferramentas apropriadas porque eram capazes de lidar com a complexidade inerente aos vários resultados possíveis que poderiam ser esperados a partir das mudanças iniciais que deram origem aos fenômenos estudados.

Nessas histórias, Griliches assumia que a agricultura norte-americana era formada por agentes econômicos racionais se deparando com eventos exógenos. Como a busca de tais indivíduos era maximização do lucro, a narrativa serviu como explicação das decisões que foram sendo tomadas em relação às oportunidades que foram aparecendo ao longo do tempo. Adicionalmente, tais histórias foram úteis ao autor também para identificar de maneira exploratória as variáveis que poderiam ser usadas nas regressões econométricas, além de justificar a escolha de alguns dados estatísticos para a análise. Com resultados inicialmente pouco satisfatórios, Griliches mudou o problema de investigação dentro da mesma narrativa, ao que obteve resultados econométricos mais favoráveis (Biddle, 2023).

Diferente dos trabalhos anteriores, Daniel Kuehn (2023) não faz uma análise da narrativa de Warren Nutter, mas de como este autor utilizou a narrativa de terceiros em suas pesquisas. Nutter foi membro de uma divisão da *National Bureau of Economic Research (NBER)* encarregada de estudar o cres-

cimento econômico soviético. Porém, as pesquisas no Ocidente sobre esse tema estavam limitadas por dificuldades como sigilo de dados e falsificações por parte da burocracia soviética. Para superar tais limitações, Nutter inovou ao usar relatos de viajantes como forma de colher informações e preencher as lacunas existentes nos dados soviéticos, usando contos de imigrantes, turistas e cidadãos soviéticos em viagens internacionais.

Descrito por Kuehn (2023, p. 471, tradução nossa) como um “contador de histórias entusiasmado”, Nutter usou os registros de viajantes para avaliar qualitativamente os dados industriais da União Soviética, a fim de estimar sobre ela: (i) o tamanho da distorção e/ou fraude nos dados que era provocada pela burocracia; (ii) a qualidade dos bens de consumo e de capital; e (iii) especular sobre dados militares.¹³

Ibanca Anand (2023) também trata da economia soviética, mas sob as lentes de Evsey Domar. Segundo a autora, a narrativa foi um método de argumentação pertinente aos objetivos dele para: (i) oferecer uma visão alternativa sobre os soviéticos; (ii) dialogar com um auditório maior; e (iii) mostrar a complexidade dos temas abordados; todos eles por meio da discussão de histórias criadas pelo próprio Domar como contrafactuais para as situações empiricamente verificadas. Usando narrativas, ele explorou a possibilidade de diferentes explicações sobre os temas: sistemas econômicos comparados, economia soviética e história econômica.

Logo, os diferentes cenários especulados por Domar não foram escolhidos para pavimentar um caminho específico direcionado a uma conclusão. Antes, serviram para evitar qualquer tipo de desfecho acerca dos temas tratados, o que é apontado por Anand (2023) como uma resistência quanto ao encerramento das narrativas. Assim, as narrativas de Domar intencionavam deixar mais ambiguidades do que certezas, realçando a situação “em aberto” de cada um dos tópicos analisados, enfatizando a indeterminação quanto à possibilidade de um posicionamento indubitável sobre eles. Para Anand (2023), isso permitiu a Domar mostrar os limites do conhecimento na pesquisa.

Também tratando de narrativas específicas, Lucas Casonato (2023) mostra o papel das histórias fictícias que Israel Kirzner criou para iluminar deficiências na teoria da firma e a assimetria de informações na abordagem neoclássica. Nesse trabalho foram selecionadas histórias sobre observação marciana da terra, disputa de caçadores, professores perdidos, mães comprando

¹³ Isso influenciou seu livro *The strange world of Ivan Ivanov* (1969), mencionado no Quadro 2.

presentes para os filhos e convidados de casamento, todos cenários imaginados para simplificar relações econômicas e mostrar a viabilidade de interpretá-las com a teoria do estado de alerta empresarial subjetivo.

Tendo como pano de fundo a noção de que Kirzner é um autor heterodoxo, e forte crítico do *mainstream* da sua época, o trabalho mostra como suas narrativas permitiram uma aproximação à abordagem que ele buscava criticar, apesar de não compartilhar com ela as mesmas bases metodológicas. É justamente pela possibilidade de superação dessa ausência de uma base comum entre crítico e criticados que Casonato (2023) atribui às narrativas uma capacidade maior de diálogo dentro da economia.

A possibilidade de apresentação narrativa de uma teoria econômica não foi útil na economia apenas aos economistas, como mostram Alexandra Quack e Catherine Herfeld (2023) na análise de como William Riker levou a teoria dos jogos para a ciência política. Riker foi um dos pioneiros na iniciativa de aplicar a teoria dos jogos às discussões políticas, sobretudo no campo da formação de coalizões. Assim, as histórias narradas por ele lhe permitiram: (i) identificar os personagens de um jogo, os que agem em situação de interação estratégica; (ii) oferecer evidências históricas que confirmam a co-dependência entre suas decisões; e (iii) validar o próprio modelo teórico por duas vias, ao usar os dados históricos para construir o modelo e para aplicá-lo aos fatos da narrativa, de modo a evidenciar a conformidade entre previsão e resultado.

A explicação narrativa de Riker ainda tem a vantagem de progredir nos pontos em que o modelo teórico é incapaz de avançar, como na deficiência do modelo estático usado na época, já que a formação das coalizões envolve um processo dinâmico. Por isso Riker passa a descrever de maneira narrativa as interações que ocorreriam entre jogadores no modelo, já que estava incapaz de fazê-lo formalmente, o que permite às suas histórias lhe servirem como demonstração informal de tese apresentada (Quack; Herfeld, 2023).

Por fim, Laetitia Lenel (2023) nos mostra como as narrativas têm influência em instâncias mais relevantes de poder econômico, analisando os esforços do FMI para convencer os países membros acerca da política econômica adequada. Tendo como pano de fundo as décadas de 1970 e 1980, Lenel descreve a criação de cenários prospectados pelo FMI a partir das diferentes políticas econômicas passíveis de serem adotadas e seus possíveis resultados em termos de taxa de crescimento e balança comercial. Logo, tais cenários não eram mais do que projeções, futuros imaginados, mas que tinham o papel de

persuadir acerca das melhores políticas diante da complexidade dos resultados possíveis, solucionando dúvidas quanto às diferentes alternativas à disposição.

O trabalho de Lenel (2023) é também uma resposta à proposta de Shiller (2019) de que as narrativas econômicas afetam o comportamento social de maneira aleatória, por se disseminarem sem controle ou intencionalidade. Com seu estudo de caso sobre o FMI, a autora mostra que as narrativas dos economistas impactam na forma com que as pessoas encaram os problemas econômicos.

Morgan e Stapleford (2023) consideram que, a partir desses artigos na edição especial da *HOPE*, há quatro objetivos que as narrativas podem cumprir: explorar, explicar, encerrar e reabrir. Narrativas são úteis para explorar possibilidades subjacentes nas ideias, conceitos, teorias, modelos etc., de modo a levar a novos resultados que ainda não tenham sido mostrados, como nos trabalhos de Kirzner (Casonato, 2023) e do FMI (Lenel, 2023). A explicação decorre da possibilidade de acrescentar ideias, conceitos, teorias, modelos etc. a uma sequência específica de eventos que se queira oferecer como versão alternativa, como visto em Marshall (Maas, 2023) e Griliches (Biddle, 2023).

O encerramento se refere à noção de que a narrativa pode responder ao porquê de um determinado acontecimento, como em uma relação de causalidade, oferecendo uma explicação completa sobre um evento, como visto nas propostas de Nutter (Kuehn, 2023) e Riker (Quack; Herfeld, 2023). Finalmente, a narrativa também pode servir para reabrir uma questão e reconsiderá-la sob nova perspectiva, como feito por Domar (Anand, 2023).

Além das possibilidades levantadas por Morgan e Stapleford (2023), sugerimos que desses artigos também é possível destacar três outras potencialidades narrativas: (i) mostrar a limitação do conhecimento econômico; (ii) abrir espaço para comparação entre propostas; e (iii) superar barreiras metodológicas entre teorias.

A primeira característica a ser apontada é que as narrativas podem evidenciar “limitações do conhecimento”, ou seja, mostrar que os fatos observáveis não exprimem toda a informação disponível. Esse aspecto tem forte relação com a capacidade de “exploração” identificada por Morgan e Stapleford (2023), mas não se limita a ela. Na nossa visão, as narrativas também mostram os limites do conhecimento do pesquisador, que está preso a uma narrativa ou se libertando dela.

Por exemplo, em Maas (2023) se vê um Marshall preocupado com os impactos de eventos fora da economia, e que poderiam ser negligenciados nas correlações estatísticas dos dados econômicos. Kuehn (2023) mostra que Nutter foi buscar dados suplementares nas histórias de viajantes para acrescentá-los às informações oficiais dos soviéticos. Anand (2023) apresenta um Domar preocupado em não fazer conclusões sobre assuntos que poderiam ser revistos à luz de novas informações. Em Casonato (2023) há um Kirzner que oferece nova versão sobre uma relação econômica já estabelecida na tese neoclássica. Em Lenel (2023) se tem o fato de que os governos e o FMI aceitavam que lidavam com um futuro incerto, e que por isso era conveniente a projeção de possíveis resultados.

A segunda característica é que as narrativas abrem espaço para uma avaliação comparativa entre ideias, conceitos, teorias, modelos etc. ao possibilitar que seus autores trabalhem com eventos reais e fictícios e os explorem (no sentido empregado por Morgan e Stapleford (2023)) no tema em discussão. Essas comparações são importantes porque influenciam na avaliação de prós e contras das características distintivas a serem levadas em conta. Por exemplo, Anand (2023) mostra como Domar explorou o método narrativo para comparar não só os sistemas econômicos norte-americano e soviético, mas também para especular com base em situações imaginadas para essas realidades. Casonato (2023) aponta que Kirzner elaborou diferentes cenários que lhe permitiam contrastar sua teoria com a neoclássica. Lenel (2023) descreve como o FMI projetou diferentes cenários a fim de influenciar a política econômica dos países.

A terceira potencialidade das narrativas é a superação de critérios metodológicos, já que podem ignorar qualquer demarcação científica na medida em que buscam oferecer explicações coerentes. Por exemplo, Casonato (2023) argumenta que Kirzner usou suas narrativas como forma de participar de diferentes discussões e levar a elas um ponto de vista austríaco, confrontando a economia neoclássica, apesar de não partilhar com esta os mesmos critérios metodológicos. Casonato (2023) inclusive conclui que, por serem tão abrangentes, as narrativas são especialmente úteis a abordagens heterodoxas. Reforço disso é oferecido pelo exemplo de Quack e Herfeld (2023), que descreve como Riker levou a teoria da escolha racional e a teoria dos jogos da economia para a ciência política, transitando entre diferentes áreas do conhecimento por meio da narrativa.

O Quadro 3, a seguir, oferece uma síntese dos trabalhos revisados nessa subseção e os relaciona com: os elementos científicos discutidos na segunda seção (Quadro 1); as possibilidades narrativas colocadas por Morgan e Stapleford (2023) (discutidas acima); e as três potencialidades que sugerimos.¹⁴

¹⁴ Antes de passar às considerações finais, o leitor mais exigente poderia questionar que não apresentamos uma discussão ou evidências de que os economistas usam histórias para convencer o público geral. Afinal, seguindo nossa própria Figura 1, as narrativas científicas podem ser analisadas tanto sob a ótica das histórias no sentido tradicional (evidenciadas na subseção 3.1), das histórias para persuasão dos próprios pares (que foram tratadas nesta subseção 3.2), ou de histórias para convencer o público leigo. Porém, a própria ciência econômica começa com as tentativas da economia política clássica em convencer a opinião pública por meio de livros sobre a pertinência das práticas de livre comércio. E desde então essa lógica não passou por uma mudança substancial, a despeito de a cultura acadêmica ter migrado para privilegiar cada vez mais a publicação artigos científicos. Assim, se as narrativas podem ser entendidas como as explicações de ideias econômicas, elas se fazem necessárias na exposição ao público mais amplo, o que nos permite evitar a tarefa hercúlea de tentar listar todas as obras econômicas que se pautaram em histórias ilustrativas em algum ponto do livro.

Quadro 3 – Exemplos da análise de narrativas econômicas específicas				
Autoria	Breve resumo da análise de narrativa realizada	Elementos narrativos (Quadro 1)	Possibilidades narrativas (Morgan; Stapleford, 2023)	Usos potenciais das narrativas
Maas, Haaro	Análise das narrativas de Alfred Marshall que integraram sua versão teórica de oferta e demanda com a histórica econômica. Mostrou como isso permitiu a Marshall usar uma estratégia narrativa para superar as limitações estatísticas, que ignoravam os eventos cujos dados não fossem considerados ou tivessem seu peso devidamente apontado, e avançasse em relação ao suposto teórico de ceteris paribus.	Todos.	Explicação; encerramento.	Limites do conhecimento.
Biddle, Jeff E.	Análise das narrativas de Zvi Griliches que buscavam preencher uma lacuna na explicação de como o mercado agrícola dos EUA mudou entre estados de equilíbrio a partir de eventos exógenos, a adoção do milho híbrido e do uso de fertilizantes na produção. Mostrou como as narrativas construídas com base na economia neoclássica poderiam explicar a dinâmica econômica subjacente na história da agricultura norte-americana com base em ações racionais de agentes maximizadoras de lucro.	Todos.	Explicação; encerramento.	
Kuehn, Daniel	Análise de como Warren Nutter utilizou as narrativas de viajantes para suplementar os dados soviéticos oficiais. Mostrou como as narrativas usadas por Nutter lhe foram úteis para calcular o tamanho dos problemas nos dados disponíveis e estimar dados da produção industrial e militar na União Soviética.	Nenhum.*	Encerramento; reabertura.	Limites do conhecimento.

(continua)

Quadro 3 – Exemplos da análise de narrativas econômicas específicas				
Anand, Ibanca	Análise das narrativas de Evsey Domar que buscaram oferecer uma nova visão sobre os temas relacionados à economia soviética, sendo essa interpretação alternativa à dominante na época. Mostrou como isso permitiu a Domar abrir mais espaço para dúvidas do que para certezas acerca desses assuntos, o que realça sua noção quanto aos limites do conhecimento.	Todos.	Reabertura.	Limites do conhecimento; Espaço para comparações.
Casonato, Lucas	Análise das narrativas de Israel Kirzner que buscavam apontar falhas na teoria econômica neoclássica dos preços e a possibilidade de superação por meio da teoria austríaca para a atividade empresarial. Mostrou como as narrativas fictícias de Kirzner buscavam superar a explicação neoclássica para a teoria da firma e a assimetria de informações.	Todos.	Exploração; explicação; encerramento; reabertura.	Limites do conhecimento; Espaço para comparações; Supera critérios metodológicos.
Quack, Alexandra; Herfeld, Catherine	Análise das narrativas de William Riker que ampliaram o auditório das noções de teoria dos jogos, usadas para levar a ferramenta à Ciência Política. Mostrou como isso permitiu a Riker construir um modelo de interação estratégica, aplicá-lo e suplementar seus resultados na explicação de alguns processos históricos de formação de coalizões políticas.	Todos.	Explicação; encerramento.	Supera critérios metodológicos.
Lenel, Laetitia	Análise das narrativas do FMI que mostravam diferentes cenários a partir de futuros imaginados a depender das políticas econômicas adotadas pelos países. Mostrou como essas narrativas atendiam às necessidades do FMI de realizar distintos prognósticos, esclarecer dúvidas acerca das políticas disponíveis, mas, em especial, tentar deliberadamente influenciar o rumo da política econômica dos países membros.	Todos.	Exploração; encerramento; reabertura.	Limites do conhecimento; Espaço para comparações.

* Porém, a partir de Kuehn (2023), é possível dizer que as narrativas usadas por Nutter fossem: ordenadas logicamente, analisadas de modo exploratório e baseadas na realidade.

Fonte: Elaboração própria a partir das informações da pesquisa.

3. Considerações finais

Como visto, uma narrativa pode ser definida como uma história que organiza os eventos em ordem lógica a partir de mecanismos causais que expliquem a sucessão entre eles. Na economia, é a teoria quem cumpre o papel de especificar como os diferentes elementos estão relacionados. Dessa forma, a descrição da teoria, na medida em que precisa explicar essas conexões, já é uma narrativa. A exemplificação da teoria é outra forma, assim como também o é sua aplicação a um caso real. Portanto, é possível afirmar que fazer ciência econômica é contar histórias, sejam elas direcionadas ao convencimento do público geral ou à persuasão da comunidade específica dos economistas.

McCloskey (1983) já apontava os benefícios de superar a demarcação científica na economia, permitindo: a explicação de questões não encaradas pela teoria dominante; a possibilidade de ampliação do auditório; a aproximação a outras áreas do conhecimento; e a possibilidade de comunicação das ideias e resultados ao público geral. Todos esses méritos se veem demonstrados pelas análises das narrativas dos economistas.

Apesar de não terem se engajado na escrita de obras literárias não-científicas, nem por isso economistas têm deixado de empregar elementos narrativos em seus trabalhos. Para além das vantagens que isso permite, mencionadas acima, também há a possibilidade de esses elementos: demonstrarem os limites do conhecimento; abrirem espaço para comparações; e superarem a exigência de critérios metodológicos.

Conquanto a economia não-matemática possa parecer uma ciência velha, como já atestava Ward (1972), a análise de narrativas confirma a proposta de McCloskey (1983, [1985] 1988) de que os modelos matemáticos são apenas mais uma forma de linguagem da economia. Principalmente se observarmos a relação entre as narrativa e tais modelos: em Maas (2023), a forma funcional resultante dos dados econômicos não era suficiente para Marshall exprimir todos os condicionantes de um fenômeno econômico; em Biddle (2023), não havia uma explicação da dinâmica na transição entre os estados de equilíbrio que pudesse ser usada por Griliches; em Casonato (2023), o método matemático se mostra incapaz de incorporar um elemento descrito por Kirzner como imprevisível; em Quack e Herfeld (2023), o modelo matemático da teoria dos jogos só podia explicar uma situação estática. Todas essas limitações puderam ser superadas com o uso das narrativas.

Referências

- ADAMO, S. The crisis of the Prato industrial district in the works of Edoardo Nesi: a blend of nostalgia and self-complacency. *Modern Italy*, v. 21, n. 3, p. 245–259, 2016.
- AKDERE, C.; BARON, C. (Org.). *Economics and literature: a comparative and interdisciplinary approach*. London: Routledge, 2019.
- ALLENDE PORTILLO, F. Fictional literature as a means to understanding economic history. 35th ECONOMIC AND BUSINESS HISTORICAL CONFERENCE SOCIETY, Braga, Portugal, 2010.
- ALMEIDA, R. G. de. O debate Keynes–Tinbergen: relato histórico de uma controvérsia sobre a origem da economia. In: FERRARI F.; BITTES, F.; TERRA, F. H. (Org.). *Keynes: ensaios sobre os 80 anos da Teoria Geral*. Porto Alegre: Tomo Editorial, p. 71–96, 2016.
- ALMEIDA, R. M. Economics as a rhetorical language game. *Economia*, v. 4, n. 1, p. 24–43, 2023.
- ANAND, I. Resisting narrative closure: the comparative and historical imagination of Evsey Domar. *History of Political Economy*, v. 55, n. 3, p. 497–521, 2023.
- ARIDA, P. A história do pensamento econômico como teoria e retórica, 1984. In: GALA, P.; REGO, J. M. (Org.). *A história do pensamento econômico como teoria e retórica*. São Paulo: Editora 34, p. 13–44, 2003.
- BALAK, B.; du LYS, C. Tquet. The invisible hand of the fairies: post-mercantilism and magnanimity in women’s fairy tales of the 1690s. In: BALAK, B.; du LYS, C. T. (Org.). *Creation, recreation and entertainment: early modern and post-modernity*. Tübingen: Narr, p. 147–166, 2019.
- BARTHES, R. Introdução à análise estrutural da narrativa. In: BARTHES, R. *et al. Análise estrutural da narrativa*. Rio de Janeiro: Vozes, p. 19–62, 1971.
- BEATTY, J. Narrative possibility and narrative explanation. *Studies in History and Philosophy of Science, Part A*, 62, 31–41, 2017.

BESOMI, D. Inter-war trade cycle theorists in a poem by James Meade. *European Journal of the History of Economic Thought*, v. 6, n. 2, p. 297-300, 1999.

BIDDLE, J. E. Narratives and empirical strategies in Zvi Griliches's early research. *History of Political Economy*, v. 55, n. 3, p. 447-470, 2023.

BLOOM, H. *A anatomia da influência*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

BRAID, D. "Doing good physics": narrative and innovation in research. *Journal of Folklore Research*, v. 43, n. 2, p. 149-173, 2006.

CASONATO, L. Israel Kirzner's use of narratives to illuminate the limitations of neoclassical economics and the austrian alternative. *History of Political Economy*, v. 55, n. 3, p. 523-547, 2023.

COWEN, T. Is a novel a model? In: LEVY, D. M.; PEART, S. (Org.). *The streetporter and the philosopher: discussion on analytical egalitarianism*. Michigan: University of Michigan Press, p. 319-337, 2007.

CRASNOW, S. Process tracing in political science: What's the story? *Studies in History and Philosophy of Science*, Part A, p. 62, 6-13, 2017.

CURRIE, A.; STERELNY, K. In defence of story-telling. *Studies in History and Philosophy of Science*, Part A, 62, p. 14-21, 2017.

DAVIES, W. (Org.). *Economic science fictions*. London: Goldsmiths, 2018.

DAWKINS, R. *O gene egoísta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

EAGLETON, T. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

GIBBARD, A.; VARIAN, H. R. Economic models. *Journal of Philosophy*, v. 75, n. 11, p. 664-677, 1978.

GILBOA, I.; POSTLEWAITE, A.; SAMUELSON, L.; SCHMEIDLER, D. Economic models as analogies. *Economic Journal*, v. 124, p. 513-535, 2014.

GINZBUG, C. *Relações de força: história, retórica, prova*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GOTTSCHALL, J. *The storytelling animal: how histories make us humans*. New York: Houghton Mifflin Harcourt, 2012. Ebook.

HAWKING, S. *Uma breve história do tempo*. São Paulo: Editora Intrínseca, 2015.

HAWKING, S. *O universo numa casca de noz*. São Paulo: Editora Intrínseca, 2016.

HENDERSON, W. *Economics as literature*. London: Routledge, 1995.

HINKELAMMERT, F. *A maldição que pesa sobre a lei: as raízes do pensamento crítico em Paulo de Tarso*. São Paulo: Paulus, 2012.

INGRAO, B. Models in economics: fables, fictions and stories. *Annals of the Fondazione Luigi Einaudi*, v. 52, p. 109–132, 2018.

JAHN, M. *Narratology: a guide to the theory of narrative*. Cologne: University of Köln. Disponível em <<https://www.uni-koeln.de/~ame02/pppn.pdf>>.

JUILLE, T.; JUILLE, D. Narrativity and identity in the representation of the economic agent. *Journal of Economic Methodology*, v. 24, n. 3, p. 274–296, 2017.

KRUGMAN, P.; WELLS, R. *Introdução à economia*. Rio de Janeiro: Campus, 2007.

KUEHN, D. “Marco Polo Economics” and narrative in the NBER Soviet Growth Study. *History of Political Economy*, v. 55, n. 3, p. 471–496, 2023.

LEE, D. R.; BOHANON, C. Economics and novels: good, evil and becoming better people. *Journal of Cultural Economics*, v. 43, p. 527–544, 2019.

LENEL, L. Economists as storytellers: scenario drafting at the International Monetary Fund. *History of Political Economy*, v. 55, n. 3, p. 577–608, 2023.

- LUKÁCS, G. *A teoria do romance*. São Paulo: Editora 34, 2000.
- MAAS, H. Marking time: Marshall's search for narrative explanatory coherence. *History of Political Economy*, v. 55, n. 3, p. 423-446, 2023.
- MARX, K. *Escritos ficcionais*. São Paulo: Boitempo, 2018.
- MAVISAKALYAN, A.; WEBER, C. Linguistic structures and economic outcomes. *Journal of Economic Surveys*, v. 32, n. 3, p. 916-939, 2018.
- MCCLOSKEY, D. M. Storytelling in economics. In: NASH, C. (Org.). *Narrative in culture: the uses of storytelling in the sciences*. London: Routledge, p. 5-22, 1990.
- MCCLOSKEY, D. M. *The rhetoric of economics*. Madison: University of Wisconsin Press, [1985] 1998.
- MCCLOSKEY, D. M. The rhetoric of economics. *Journal of Economic Literature*, v. 21, n. 2, p. 481-517, 1983.
- MCCLOSKEY, D. *Os pecados secretos da economia*. São Paulo: Ubu Editora, 2017.
- MORGAN, M. S. Narrative ordering and explanation. *Studies in History and Philosophy of Science, Part A*, 62, p. 86-97, 2017.
- MORGAN, M. S.; WISE, M. N. Narrative science and narrative knowing. Introduction to special issue on narrative science. *Studies in History and Philosophy of Science, Part A*, 62, p. 1-5, 2017.
- MORGAN, M. S.; STAPLEFORD, T. A. Narrative in economics: a new turn on the past. *History of Political Economy*, v. 55, n. 3, p. 395-421, 2023.
- MORGAN, M. Models, stories and the economic world. *Journal of Economic Methodology*, v. 8, n. 3, p. 361-384, 2001.
- MUNSLOW, A. *A history of history*. London: Routledge, 2012.

MUNSLOW, A. *Narrative and history*. London: Red Globe Press, 2019.

NASA. *The science of Star Trek*. Disponível em <https://www.nasa.gov/topics/technology/features/star_trek.html>.

PAULSON, S.; GLEISER, M.; FREESE, K.; TEGMARK, M. The unification of physics: a quest for a theory of everything. *Annals of the New York Academy of Sciences*, n. 1361, p. 18-35, 2015.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, [1958] 2005.

POLANYI, J. C. Doing science. *The Globe and Mail*, 29 de abril, 2020. Disponível em <<https://www.nobelprize.org/prizes/chemistry/1986/polanyi/article/>>.

POLANYI, M. The Republic of Science: its political and economic theory. *Minerva*, v. 1, p. 54-74, 1962.

POLANYI, M. *The tacit dimension*. Chicago: University of Chicago Press, 1966.

ROBERTSON, D. The non-econometrician's lament. 1952. In: LUNDERG, E. (Org.). *The business cycle in the post-war world*. London: Macmillan, 1955. Disponível em <<https://www.hetwebsite.net/het/texts/method/robertson-lament.htm>>.

ROOS, M. W. M.; RECCIUS, M. Narratives in economics. *Ruhr Economic Papers*, n. 922, RWI – Leibniz-Institut für, Wirtschaftsforschung, Essen, 2021.

QUACK, A.; HERFELD, C. The role of narratives in transferring rational choice models into political science. *History of Political Economy*, v. 55, n. 3, p. 549-576, 2023.

RANCIÈRE, J. *As margens da ficção*. São Paulo: Editora 34, 2021.

REPAPIS, C. J. M. Keynes, F. A. Hayek and the Common Reader. *Economic Thought*, v. 3, n. 2, p. 1-20, 2014.

ROVELLI, C. *O abismo vertiginoso: um mergulho nas ideias e nos efeitos da física quântica*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2021.

ROVELLI, C. *A realidade não é o que parece: a estrutura elementar das coisas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

SACCO, P. L. “There are more things in heaven and earth...” A “narrative turn” in economics? *Journal of Cultural Economics*, v. 44, p. 173–183, 2020.

SAGAN, C. *Cosmos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SAGAN, C. *Pálido ponto azul: uma visão do futuro da humanidade no espaço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SEYBOLD, M.; CHIHARA, M. (Org.) *The Routledge companion to literature and economics*. London: Routledge, 2018.

SHENK, T. *Maurice Dobb*. London: Palgrave, 2013.

SHILLER, R. Narrative economics. *American Economic Review*, v. 107, n. 4, p. 967–1004, 2017.

SHILLER, R. *Narrative economics: how stories go viral and drive major economic events*. Princeton: Princeton University Press, 2019.

SWAIM, D. G. The roles of possibility and mechanism in narrative explanation. *Philosophy of Science*, v. 86, n. 5, p. 858–868, 2019.

VARIAN, H. R. *Microeconomia: uma abordagem moderna*. Rio de Janeiro: GEN, 2021.

WARD, B. *What’s wrong with economics?* New York: Basic Books, 1972.

WATTSEE, M. How economists use literature and drama. *Journal of Economic Education*, v. 33, n. 4, p. 377–386, 2002.